

A Chávena *Kitsch*

Paula Cristina Costa
Professora da FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Muito cedo na minha vida foi tarde de mais.
Marguerite Duras, *O Amante*

A noite começa agora na cidade com o pôr-do-sol. O rio embala já as últimas barcaças do dia. As vozes que se ouvem ao longe são estridentes e peganhentas como o cheiro melado a caramelo, amendoins torrados, ervas de cheiro e sopas chinesas. Pela janela do quarto, os últimos raios de sol iluminam a seda da colcha da cama. Ele bebe um *whiskey* e fuma um cigarro chinês. Ela olha-o, como se o olhasse pela primeira vez. Tantos anos passados de encontros clandestinos naquele quarto e cada vez que o olhava com aquela luz dourada do entardecer, ele parecia-lhe sempre diferente em qualquer coisa. Que ela não sabia bem o quê.

Habitados ao silêncio um do outro, nem ela nem ele se sentiam incomodados em não dizerem nada durante tanto tempo. Depois de terem deixado o corpo fazer, procurar e encontrar tudo o que ele quer, depois de se terem beijado e amado e prometido um ao outro que amariam sempre o amor, ele sentava-se naquela cadeira de verga a fumar, olhava os restos do azul do céu e do rio, enquanto ela lhe dizia no seu silêncio que ele seria para sempre o seu único amor.

A noite agrava o escuro da morte da mãe e do irmãozinho dela. Sente os seus quinze anos e meio a chegar. O vestido de seda natural transparente está

rasgado no chão. Os sapatos de *lamé* dourados e o chapéu preto de homem cor pau-rosa estão caídos no abismo de si mesmos, na corrente do rio do Mékong dos seus quinze anos e meio. Hoje, à sua frente, o seu amante parecia-lhe ainda mais distante do que os seus quinze anos e meio, a sua mãe, os seus irmãos. Sem que ela soubesse bem porquê.

Agora era tarde na sua vida. Como dantes fora cedo de mais. Já não era pelo dinheiro que ela estava ali com ele. Já não era uma menina pobre que corria para os braços de um chinês milionário para conhecer o cheiro do dinheiro e o gosto do prazer. No entanto, continuava a amar aquele homem com um amor desmesuradamente insensato e incondicional.

Tinha fome e disse-lhe que ia comprar qualquer coisa para comer. Ele acenou-lhe com a cabeça que sim, que ele também queria comer qualquer coisa. Perguntou-lhe se queria que fosse com ela e ela respondeu-lhe que não, que ia num instante lá a baixo a um daqueles restaurantes e que lhe trazia uma sopa chinesa e o *chop soy* de que ele gostava.

Quando saiu e chegou a uma das longas avenidas de Vinhlong era noite fechada. A avenida pouco iluminada fez-lhe sentir medo, muito medo. De repente, sem sequer entender porquê, o peso daquele medo era do tamanho do luto que carregava desde a morte da mãe, do irmãozinho e até do outro irmão que nunca amara. Olhava à sua volta desconfiada de tudo e de todos. A escuridão da noite corria atrás de si e ela não tinha como lhe fugir, por muito que corresse também. No fim da avenida, o rio corria também e ia desaguar à porta de um pensionato. Mas ele não estava lá à sua espera na limusina preta. Sem ele à porta do pensionato, passava fome, voltava a vestir os vestidos usados da mãe, a comprar os sapatos na altura dos saldos bem saldados, a conviver com a loucura da mãe e a maldade do irmão mais velho. A ausência, a morte do pai.

Atravessou aquela avenida como quem atravessa cem anos de solidão. Quando chegou ao restaurante sentia nas pernas e na alma toda a aridez das montanhas de Saigão. Pediu ao criado a sopa e o *chop soy* se não demorasse muito. Não, não demorava nada, estava quase. Quando chegou a casa, ele ainda estava sentado em frente à janela. Pousou o jantar em cima da mesa da cozinha e correu para ele como se estivesse a correr contra a sua própria solidão. Ele olhou-a admirado. Mas abraçou-a também. Ela disse-lhe que ainda o amava muito, que o amaria sempre. Ele respondeu-lhe que também ainda a amava. Que a amaria até à morte.

A Chávena Kisch

Sofia olhava-os. Os dois abraçados, na languidez daquele quarto, faziam-lhe lembrar a estampa das chávenas de chá de porcelana oriental de casa da sua avó. Tinham uma gueixa nos braços do seu amante por entre as ramagens de bambus e de crisântemos. Ela olhava-o com um olhar doce mas sofrido. Ele, vestido de dragões, não era para ela que olhava. Talvez fosse para um lago, que se avistava ao longe, com duas garças brancas. Como se aquela mulher que o estava a abraçar não fosse a mesma mulher que ele abraçava. Sofia pensava agora que nunca tinha entendido muito bem porque é que nunca gostara daquelas chávenas de porcelana chinesa da avó. Sempre que a avó recebia alguém em casa para lanchar, Sofia ajudava-a a tirar do móvel as chávenas para serem limpas antes de servirem o chá. E apesar de Sofia considerar a avó uma senhora muito elegante e de bom gosto, nunca percebera porque é que ela tinha comprado um serviço de chá tão *kitsch* e tão desajustado da sua maneira de ser. Não havia nada na personalidade da sua avó que pudesse estar a condizer com aquela aguarela oriental. Por isso Sofia sempre olhara com desconfiança aquela estampa, aqueles amantes, que nunca percebera muito bem se se teriam amado verdadeiramente para além daquela pintura ou não. Nunca comentara nada com a avó, mas havia qualquer coisa naquele serviço de chá de que ela não gostava porque não entendia de todo.

Agora, ao olhar aqueles dois amantes abraçados, a jurarem amor para além daquele cenário, para além daquelas vidas, Sofia via mais nítida a estampa da chávena e perguntava-se a si mesma se aquela cena de amor, naquele quarto com as montanhas de Saigão ao fundo, não seria parecida com a de esses amantes por onde tinha bebido tanto chá. Não, havia uma grande diferença: este amante, ao contrário do da chávena, olhava também para ela e parecia ser sincero ao dizer-lhe que ainda a amava, que a amaria até à morte. Ao olhar estes dois amantes, e sem que entendesse muito bem porquê, Sofia sentiu vingada a gueixa da estampa oriental.